

Dr^a LUCIENE JUNG DE CAMPOS
ANÁLISE DO DISCURSO, TURISMO E...

Discourse Analysis, Tourism and...

MAICON GULARTE MOREIRA¹, MATEUS VITOR TADIOTO² & LUCIENE JUNG DE CAMPOS³

DOI 10.18226/21789061.v13i2021p10

RESUMO

Esta entrevista foi realizada na cidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil, em outubro de 2019 pelos doutorandos em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, tendo como entrevistada a Prof.^a Dr.^a Luciene Jung de Campos. Pioneira na articulação entre Análise do Discurso pecheutiana e o Turismo, a professora e pesquisadora do corpo permanente do Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul apresenta nesta entrevista os registros de sua trajetória de vida e acadêmica, nos permitindo compreender um pouco sobre seus interesses de pesquisa e sobre o seu olhar para as relações que estabelece com a Psicanálise, a Arte e os estudos do Trabalho.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Análise do Discurso; Psicanálise; Arte; Trabalho.

ABSTRACT

¹ **Maicon Gualarte Moreira** - Mestre. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil. com bolsa FAPERGS/CAPES. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7209077042280859> E-mail: maicongmoreira@gmail.com

² **Mateus Vitor Tadioto** - Mestre. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil, com bolsa PROSUC/CAPES. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5127637448870660> E-mail: mateus.tadioto@gmail.com

³ **Luciene Jung de Campos** - Doutora. Professora adjunta na Área de Humanidades e no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1151177602559882>. E-mail: ljungdecampos@gmail.com

This interview was held in Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brazil, in October 2019 by the PhD students at the University of Caxias do Sul, with Dr. Luciene Jung de Campos as advisor. A pioneer in the articulation between pecheutian Discourse Analysis and Tourism, the professor and researcher of the graduate degree Program in Tourism and Hospitality at University of Caxias do Sul presents in this interview the records of her life and academic trajectory, allowing us to understand a little about his research interests and his look at the relationships she establishes with Psychoanalysis, Art and Labour studies.

KEYWORDS

Tourism; Discourse Analysis; Psychoanalysis; Art; Labour.

INTRODUÇÃO

A presente entrevista é marca e celebração do dia em que foi realizada, data em que lembramos da importância da educação e do papel que possuem as professoras e os professores em um país de grande desigualdade social como o Brasil, no contexto político e social atual, o dia 15 de outubro de 2019. A Dr.^a Luciene Jung de Campos, nossa professora e orientadora, apresenta nos registros de sua trajetória de vida os sentidos que constituem, hoje, sua trajetória acadêmica. Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Mestrado em Administração e Doutorado em Estudos da Linguagem: teorias do texto e do discurso, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Além de integrar o corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul desde 2011, Luciene também é professora do Curso de Graduação em Psicologia da mesma Universidade e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Como pesquisadora nas áreas de Turismo, Análise do Discurso pecheutiana e Psicanálise, lidera o Grupo de Pesquisa ADesloular-se! Coletivo de trabalho em Análise do Discurso, Turismo e... Também é membro dos seguintes grupos de pesquisa: Oficinas de Análise de Discurso: Conceitos em movimento (UFRGS); Grupo de Teoria do Discurso (UFF); Grupo Turismo: Desenvolvimento Humano e Social, Linguagem e Processos Educacionais (UCS) e Grupo Interdisciplinar Arte, Cultura e Patrimônio (UCS).

As pesquisas que produz e orienta são permeadas por um posicionamento crítico e pelo rigoroso trabalho conceitual inerente ao campo teórico da Análise do Discurso (AD) pecheutiana. Esta linha de AD, que articula a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise na produção de

um dispositivo teórico e metodológico de análise próprio, foi proposta pelo filósofo francês Michel Pêcheux em 1968. Pêcheux possuía grande engajamento político em sua época e, portanto, o dispositivo que propôs reuniu precisamente os campos teóricos que produziam um efeito de ruptura com os paradigmas vigentes até então. Daí, as marcas desse modo engajado de pesquisa estão presentes nesta entrevista, onde, além de falar sobre sua trajetória acadêmica, Luciene reflete sobre a importância e os desafios da pesquisa crítica para o cenário atual da educação no Brasil e sobre os desdobramentos da pesquisa na interface entre o Turismo e a Análise do Discurso, abordagem da qual o Grupo de Pesquisa ADeslucar-se! é pioneiro.

Maicon Gularte Moreira & Mateus Vitor Tadioto [MGM & MVT]: Gostaríamos que você nos contasse sobre sua trajetória acadêmica, desde sua graduação até o momento atual do seu trabalho.

Luciene Jung de Campos [LJC]: Pois é, fico pensando o que me fez ir para a Psicologia... Na verdade, penso que foi a Literatura, pois quando comecei a ler Clarice Lispector, José de Alencar, Machado de Assis, Josué Guimarães, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Jorge Amado... Gabriel García Marquéz e Eduardo Galeano, que me mostraram a exploração da América Latina padecendo sobre as ditaduras com toda sua submissão e miséria. Aos 14 anos eu li *A idade da razão*, do Sartre, que me marcou por contar o drama de uma mulher de 40 anos tendo que decidir se ia fazer um aborto ou não. Porque a literatura me interessava? Falava de sentimentos, de coisas que as pessoas pensavam... Como adolescente eu acho que a literatura fez eu me entender. Como eu não conhecia a Psicanálise, a literatura para mim foi quase uma forma de tratamento.

Naquela época eu não sabia que estava diante do romance cotidiano, como Freud falou, que nossas histórias diárias são romances. Então, na verdade, o que me fez fazer Psicologia foi a Literatura. Dos 10 aos 16 anos eu tive dois professores de Literatura que me marcaram muito, que me deram muita força para eu escrever, pois gostavam da interpretação que eu fazia dos contos, dos romances. Eles me incentivavam para fazer Letras, para escrever. E eu achava que eu não sabia fazer isso, que eu não tinha competência, só queria entender o que as pessoas pensavam, como elas entendiam a vida delas, as coisas, o mundo. Na verdade, era isso, o sofrimento das pessoas, que é aquilo que a gente pode ver num romance.

Atuei no movimento estudantil como diretora cultural do grêmio do colégio promovendo debate e discussões sobre arte, teatro, literatura... E aí então eu fui para Psicologia, e a

Psicanálise logo me apareceu. E depois a Psicologia Institucional como uma forma de criticar o funcionamento das instituições. As pessoas me diziam que a Psicologia era um curso perigoso, porque tinha que fazer estágio no São Pedro e eu, mesmo assim, dizia: não tem problema, a loucura me interessa, eu gosto da loucura, eu gosto de pessoas com problemas. E o estágio no São Pedro foi o primeiro que eu fiz, em psicopatologia.

No final dos anos 1970, o Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre, tinha em torno de 5 mil internos e no início dos anos 1980 eu participei do movimento antimanicomial. Lembro daquela máxima do Caetano Veloso: de perto ninguém é normal. O estágio no São Pedro foi o que fez começar a me tratar... Lembro que eu ficava com inveja dos pacientes que a gente atendia, porque eles tinham tratamento, porque eles podiam ter a loucura deles ouvida. Então eu pensei: puxa também quero alguém que escute a minha loucura, porque eu estava ali escutando a loucura dos outros junto com os outros colegas e essa loucura tinha muito sentido, era muito bonito... E aí eu fui me tratar para alguém me escutar também.

Por que eu estou falando isso? Porque o contato direto com a loucura tem tanto esse aspecto que a sociedade expulsa, rejeita, tem medo, como o aspecto da riqueza psíquica, da riqueza conflitiva, desse desdobramento que o sujeito tem que fazer para dar conta do seu sofrimento, do mal-estar que o assalta. Então, todas essas coisas já me impulsionavam para a pesquisa, para a Psicanálise, para estudar o sofrimento, para estudar as formas simbólicas que o sujeito pode assumir na cultura, na ideologia. A diversidade... penso que o meu interesse pelo estudo do Turismo entra na diversidade, porque se o louco é aquele que não é legitimado pela cultura, o viajante também não tem o código da cultura que ele visita.

No início da minha vida profissional eu trabalhei com a clínica e com a consultoria em empresas. O contato com as empresas me fez questionar a exploração do trabalho e o funcionamento do capitalismo. E então eu fui fazer o mestrado na Administração da UFRGS, porque a linha de pesquisa na pós-graduação de Psicologia era voltada para a Psicologia do Desenvolvimento Infantil. No início dos anos 1990, o Programa de Pós-Graduação em Administração da UFRGS era muito aberto, inclusive para questionar as empresas, para questionar a Administração e a Psicologia. E, então, eu fiz um estágio na França, em Paris VII, na Sorbonne, no Laboratório de Sociologia Clínica, que foi fundado logo depois do maio de 1968, com uma visão bastante crítica do trabalho, das empresas e do capitalismo.

Nas questões culturais, que sempre me interessaram, a França, com seu enorme investimento na arte, me permitiu transitar pelos museus, bibliotecas, galerias... Voltando a Porto Alegre, no final dos anos 1990, a cidade experimentava uma alavancagem de discussões filosóficas e artísticas através das Bienais do Mercosul, trazendo artistas da América Latina com obras de conteúdo político e conceitual que reforçavam a redemocratização do continente... A professora Susana Gastal sabe bem do que eu estou falando, porque ela participou da organização disso na Prefeitura de Porto Alegre, trazendo filósofos contemporâneos como Baudrillard, Maffesoli, Guatarri, Castoriadis e outros, para aulas públicas. Essa coisa da arte... era uma coisa que eu flertava com ela na cidade, e que eu ainda não sabia, mas que iria trabalhar mais tarde na pesquisa com o Turismo.

Eu comecei a achar que a vida acadêmica podia ser interessante, alguma coisa que eu tivesse espaço para discutir, pensar e poder ter acesso às pessoas, e fazer da sala de aula um espaço de resistência, fazer da pesquisa um espaço de transformação do mundo. E o turismo é esse espaço de deslocamento, eu acho que é um espaço generoso que acolhe a diversidade e parece com aquele meu mestrado em Administração da UFRGS, aonde tinha gente de todas as áreas, como nós temos aqui no PPGTURH. Era um espaço muito aberto. Eu acho que ele é um bom lugar.

[MGM & MVT]: E como você chegou no Turismo nesse percurso?

[LJC]: Eu entrei na UCS no curso de Hotelaria em Canela em 2001, onde tinha gente de todo o Brasil. É claro que eu não daria aula apenas para a Hotelaria, eu dava aula para o Direito e para a Administração também, mas lembro que a Hotelaria tinha essa característica, assim como o Turismo, aonde logo fui dar aula também. Então, os cursos em que tinha realmente diversidade era no Turismo e na Hotelaria. Lá no Turismo de Canela eu cheguei a ser professora homenageada, inclusive. E como eu vim parar na pós? Porque depois que eu vim para a Psicologia, porque eu demorei a dar aula na Psicologia também, a primeira coisa que eu fiz foi supervisão de estágio, até pela minha trajetória profissional de consultoria. Mas eu acho que eu fui dar aula no curso de Psicologia uns três anos depois que eu já estava na UCS.

Lá em Canela eu fiz um projeto de pesquisa que foi aprovado, mas não tinha verba, e que era com artesanato, e aí, como não tinha verba, foi transformado num projeto de extensão com ajuda do Sebrae e da Prefeitura de Canela daquela época. A gente fez um projeto de artesanato com as artesãs do trem, que é uma loja de artesanato da Prefeitura com artesãs cadastradas pelo município. A gente fez um projeto com a Heloisa Crocco, uma artista plástica que trabalhou

com madeira da Amazônia. Ela é bem famosa na questão do trabalho do design com o artesanato e com artesãos. Ela fez vários projetos junto com o Sebrae em São Lourenço, nas Missões, e aí eu a levei para Canela.

E a gente discutiu um tema, a gente discutiu cores, e as artesãs escolheram trabalhar Natureza Canela. Cada uma produziu aquilo que já sabia fazer, bordado, crochê, tricô, pintura, cerâmica, dentro dessa proposta de Natureza Canela, com determinada paleta de cores que elas podiam escolher, que elas teriam combinado ali entre elas. Depois elas montaram uma mostra, foi bem legal esse trabalho. E a gente discutia várias coisas, tinha todo um projeto sobre a história do bordado, sobre a questão do feminino. A Rejane Jardim trabalhou conosco nesse projeto. A gente trabalhou as questões da violência contra a mulher, do cooperativismo com um professor de Sociologia. Então a gente fez esse trabalho com as mulheres que durou uns dois anos.

E aí, quando o professor Rizzon – que era professor no PPGTURH - se aposentou, ficou aberta uma vaga para psicólogo aqui no mestrado e eu entrei. Já tinha terminado o doutorado. Aliás o meu doutorado eu comecei como um projeto de artesanato. Praticamente esse projeto de Canela, que eu pretendia ampliar. Mais tarde ele virou praticamente o projeto de pesquisa aqui da pós. Antes, eu queria fazer o meu doutorado em artesanato, só que eu meio que já havia esgotado o tema, e resolvi fazer sobre arte, mesmo, sobre a questão do processo criativo na arte. Mas eu pensei numa coisa que fosse bem borda, por isso eu pensei nos outdoors. Não queria fazer sobre a arte contemporânea nem a arte clássica, eu queria uma coisa que beirasse o nada, que fosse, assim, um toque de arte mesmo.

E eu fui fazer com outdoor, fui fazer com aquela artista da coluna social do jornal, e eu fui fazendo pesquisa nesse sentido de fazer uma coisa borda. E aí eu juntei - na verdade o meu doutorado eu tinha terminado em 2010 e essa vaga aqui abriu em 2011 -, e trouxe esse meu projeto, expliquei minha pesquisa de doutorado e expliquei essa pesquisa que eu tinha levado pro doutorado e que eu não tinha feito lá e que poderia fazer aqui no Turismo. Foi assim que eu entrei, via o artesanato. E eu sempre tenho uma pesquisa [de artesanato], é uma sina. Eu sempre tenho alguma coisa [pesquisa] de artesanato na minha vida, que volta. É estranho isso. Talvez por ser mesmo essa marca de classe, essa marca da pobreza. Porque eu acho que o artesanato traz aquilo que o Canclini diz: mais que um estilo é uma marca de classe. O artesanato é uma tentativa de sobrevivência no capitalismo, ele sempre entra como um dinheiro extra, como um dinheiro da mulher.

[MGM & MVT]: A partir dessa trajetória que você nos contou, como você enxerga a relação dela com o Turismo e com a Análise do Discurso? Como você vê as contribuições dos autores que articula (Pêcheux, Lacan, Freud, Marx) na produção de abalos no Turismo e na Hospitalidade?

[LJC]: Pois é, esse encontro da Psicanálise, do Materialismo e da Língua para pensar o Turismo eu acho contundente, nesse sentido de que o Turismo é uma área tão rica, tanto quanto o Trabalho. Pensar no Turismo como um produto do capitalismo exige que ele seja sempre questionado, colocado em dúvida, colocado em suspeita. Que tipo de armadilha ele prepara para o sujeito que vem se socorrer dele?

Penso o deslocamento como uma oportunidade de o sujeito se contornar, se dar uma volta, fazer um rearranjo da sua história, produzir um outro laço através de outras culturas com sua própria estrutura. Daí, o deslocamento apresenta-se como uma expressão, como uma produção do sujeito. Então eu penso que a gente tem uma contribuição importante, no sentido de se manter alerta nesse campo para problematizar o objeto do Turismo, que traz sempre essa possibilidade de pensar o uso perverso do desejo do sujeito e também pensar o Trabalho, que é aquilo que de alguma forma o Turismo esconde.

A potência da Análise do Discurso, para pensar o Turismo, é que ela tem essa força conceitual para analisar a materialidade turística, colocando em jogo as questões do desejo e da exploração do trabalho pelo capital. Ela força o debate de atrelamento da produção de conhecimento científico às demandas do mercado e sobre o quanto essa dependência limita epistemologicamente a área. Além do rigor teórico, nós temos esses campos tão ricos, que são o Materialismo Histórico, a Psicanálise e a Linguística, que dão suporte para olhar o objeto de forma ousada e criativa, possibilitando uma certa deriva.

[MGM e MVT]: E como você vê a importância de termos um grupo de pesquisa como o Adesloulcar-se!, estruturado para pensar a relação Turismo - Análise do Discurso?

[LJC]: Eu acho que grupo é fundamental. A gente tem que poder discutir, poder pensar juntos e sermos contestados... É por isso que optamos por criar um grupo e chamá-lo de coletivo de pesquisa. Enquanto espaço aberto, o coletivo enuncia uma forma de fazer pesquisa, em que os problemas são discutidos entre todos, permitindo que pensemos em conjunto onde ir, onde gastar a nossa energia, o que pensar, o que pesquisar e eu acho que não teria um terço da minha força sem o grupo. Além de se organizar como um coletivo, o Adesloulcar-se! aponta para um

equivoco em que a letra 'u' do Adesloulcar-se! muda todo o sentido. Esse nome remete para um estranhamento, não é 'deslocamento', mas 'desloulcamento'. Se perguntados: por que essa função do equivoco? É preciso responder, por causa do real, daquilo que ainda não foi dito sobre o estranhamento implícito no deslocamento que só o sujeito singular pode habitar nesse equivoco e a gente busca assombrar a ciência, o que pressupõe que os participantes do grupo se enganchem com a sua singularidade num projeto que não é neutro.

[MGM & MVT]: Como você enxerga o nosso posicionamento enquanto grupo no contexto atual da educação no Brasil e como os projetos de pesquisa desenvolvidos estão relacionados a isso?

[LJC]: No momento em que a gente está vivendo, mais do que nunca, temos que marcar uma posição e se eu for pensar no nosso trabalho, nos nossos projetos, eles circundam essas questões da posição da mulher, da sexualidade, do trabalho, do sujeito, questionando desejo, questionando a teoria, questionando essa questão do corte, questionando a desigualdade, mesmo. Nós trabalhamos com a luta de classe. A gente briga por um posicionamento teórico, por um posicionamento político, nós não somos um grupo neutro e a gente espera uma sociedade mais justa. A nossa pesquisa é sobre um tema que nos atinge não é pesquisar qualquer coisa, eu acho que cada pesquisa que a gente tem é um drama, é uma materialidade, um fragmento de história, de sofrimento, de coisas que a gente se debate como pesquisadores e como cidadãos.

[MGM & MVT]: Como você enxerga essa exigência de neutralidade ideológica no ensino e na pesquisa?

[LJC]: Não existe não-posição, na realidade. A não-posição é uma posição. A neutralidade é uma posição. A ciência está sempre buscando um ideal de verdade, mesmo sabendo que isso é um ideal. Se isentar disso sob a máscara da neutralidade é ser ingênuo... ou mal intencionado, buscando esconder algo. É a questão política que faz corte no objeto, que faz com que a gente se posicione no recorte de pesquisa, dentro de uma teoria e não em outra. A escolha de um tema, o delineamento de uma questão, a definição de objetivos não pode ser um mero exercício disciplinar, uma ascese. Você luta pelo quê? Qual é a sua causa? Eu acho que a pesquisa é uma forma de luta. Se o pesquisador não for na direção de seus conflitos, acho que ele está perdendo tempo, está no sentido errado. Quando escuto sobre neutralidade teórica e política, sinto um torpor, uma espécie de anestesia.

[MGM & MVT]: Em nossas pesquisas sempre utilizamos o conceito de ideologia no enlace com os outros conceitos que Michel Pêcheux articula, como o sujeito do inconsciente e língua. No Brasil, vivemos um momento político, econômico, social e cultural que promove uma verdadeira perseguição a posições de esquerda, vinculando exclusivamente essas posições à posições ideológicas, num sentido pejorativo, como se todas as demais posições também não o fossem, como se houvesse qualquer posição fora da ideologia. Como você enxerga o trabalho sobre um conceito cujo sentido é tão mal compreendido atualmente e em cuja conjuntura se tornou quase proibido falar? Qual a importância do conceito de ideologia para o estudo do Turismo?

[LJC]: É interessante pensar nisso. Que uma coisa que é despregada de uma luta, de um posicionamento político, ela é desligada da história, desligada das forças de poder. As pessoas usam de qualquer jeito, ideologia como ideia, sem trabalhar um conceito. Sofremos pelos dois lados, sofremos pelos conceitos mal trabalhados da Psicanálise e sofremos pelos conceitos mal trabalhados do Materialismo Histórico. Acho que a gente está sempre numa posição meio defensiva, porque nós precisamos nos defender mesmo, porque os nossos conceitos são banalizados, então precisamos defendê-los. Eu entendo que é feita uma apropriação superficial muitas vezes.

Eu acho que isso é uma boa questão: como falar de ideologia sendo proibido falar de ideologia; como falar de ideologia com a ideologia sendo usada em expressões como ideologia de gênero, escola sem partido é escola sem ideologia, etc.; e que levam algumas pessoas a olharem para nós, que falamos de ideologia, como se fôssemos produtores de teorias de prateleira, inclusive questionam o fato de “ainda” trabalharmos com Marx e Freud. É uma pergunta difícil e que precisamos pensar. O que é falar de ideologia, de arte, de gênero, num momento em que todas essas coisas apontam para jogo de poder e diversidade no nosso País atacado?

Na verdade, estamos sob ocupação. Talvez aqui nesse paraíso [o Turismo] a gente não sinta muito. E porque eu acho que estamos num curso menos visado. Se a gente estivesse na História ou na Letras... Eu acho que estamos num campo aonde esse tipo de crítica não é esperada de nós, então passamos bem, mas se estivéssemos em outras áreas eu acho que seríamos bem mais atacados. Então, até nesse sentido, acho que o Turismo é bacana. Igual, continuamos fazendo o nosso trabalho e, de certa forma, somos reconhecidos.

[MGM & MVT]: Você vislumbra um desdobramento dessa constituição de grupo e dessas produções para daqui a 2 anos, 10 anos?

[LJC]: Quem pode continuar isso são vocês. Ampliar cada vez mais o campo de pesquisa da área. A AD, de alguma forma, aonde ela entra, dificilmente ela sai... Ela exige muito investimento de leitura e de produção conceitual, de reterorização daquilo que estamos trabalhando, como se cada projeto fosse uma construção artesanal. Fica difícil voltar atrás. É muita implicação, muito esforço... Você que tem que reconceituar e repensar: com o que você vai trabalhar naquele projeto? Como você constrói aquele projeto? Com que conceitos? Como você desloca o conceito?

Então, como é uma teoria muito densa, mas ao mesmo tempo muito artesanal na maneira como se modela os conceitos para aquele objeto específico, eu imagino que a gente pode ter um campo crítico que se abra dentro do Turismo com mais força. Eu só acho que tinha que ter mais trocas com outros grupos, para conseguir ter mais potência, para conseguir abranger mais. Eu penso que temos investimentos sólidos aqui, que são vocês. Eu entendo que vocês estarão em outras universidades ou nesta, e que não vão conseguir fugir dessa linha, que vão trabalhar nessa linha, que vão continuar tendo um olhar crítico.

Nessa linha, quero dizer, abalando a consciência e trabalhando com a luta de classes no Turismo e repensando a teoria no Turismo. Então, eu acho que o futuro promete um espaço maior para nós, um espaço crítico, fortalecer a crítica dentro da pós-graduação em Turismo. Acho que existem outras pessoas que estão também se esforçando para isso. Mas penso que poderíamos nos unir mais, para reforçar um campo transformador no Turismo com um olhar oblíquo. Vejo boas possibilidades de consolidar a crítica. Acredito que a pesquisa transforma o mundo. A pesquisa em ciências humanas e sociais tem obrigação de lutar pelos direitos humanos e pela democracia, não vejo outro jeito de se ter um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

- Campos, L. J., Restelatto, M., & Garbin, S. R. (2021). Um passo atrás: reverberações sobre luto e desejo. *Linguagem*, 37(1), 112-128. [Link](#).
- Campos, L. J. de. (2013). Desejo de desejo na mercadoria e o olhar do artista. *Gragoatá*, 18(34), 77-93. [Link](#).
- García Canclini, N. (1983). *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.

Moreira, M. G., Tadioto, M. V. & Jung De Campos, L. (2021). Análise do discurso, turismo e... **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, **13**(Especial 20 Anos PPGTURH-UCS), 1-10. DOI 10.18226/21789061.v13i2021p10

Mittmann, S., & Campos, L. J. (2019). *Análise do Discurso: da inquietude ao incômodo lugar*. Campinas: Pontes Editores.

Pêcheux, M. (2014). *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp.

Tadioto, M. V., Moreira, M. G., & Campos, L. J. (2016). Análise do Discurso: um dispositivo teórico-analítico para problematizar o Turismo. *Anais...XIII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – ANPTUR*. [Link](#).